Parte 1 - Migração e gênero

Juventudes e migrações internacionais. Crítica de narrativas políticas por lições de gênero

Mary Garcia Castro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CASTRO, M. G. Juventudes e migrações internacionais. Crítica de narrativas políticas por lições de gênero. In: SANTOS, M. L., ANUNCIAÇÃO, C. S., and CAVALCANTI, V., eds. *Migrações e identidades: várias óticas e perspectivas* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 69-93. ISBN: 978-85-7455-492-1.

<https://doi.org/10.7476/9788574554921.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

JUVENTUDES E MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. CRÍTICA DE NARRATIVAS POLÍTICAS POR LIÇÕES DE GÊNERO

Mary Garcia Castro¹

Juventude, gênero e migração são temas que pedem referências próprias, mas que se combinam, uma vez que a depender de quem migra, o processo de mobilidade territorial assume sentidos diferenciados, o que pede consideração de políticas universais, como as de população, enfoque de direitos humanos e uma reflexão sobre a maleabilidade do conceito de geração, um tempo na história e um ciclo de vida, em especial, quando gênero, classe e raça são entrelaçados.

É lugar comum falar hoje em interseccionalidade de tais categorias, contudo tal termo sugere certo funcionalismo, considerando que quando as categorias se combinam não conservam mais identidades específicas, mas formam outros construtos com materialidades em trajetórias de vida, em cenários sócio-político-culturais diversificados.

¹ Atualmente é professora aposentada e pesquisadora associada da Universidade Federal da Bahia, pesquisadora associada da Universidade Estadual de Campinas/Centro de Estudos de Migrações Internacionais; professora pesquisadora da Universidade Católica de Salvador; coordenadora do Grupo Núcleo de Estudos e Pesquisas de Juventudes, Identidade, Cidadania e Cultura-NPEJI; membro da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento; e pesquisadora da FLACSO-Brasil.

Neste texto refiro-me em grandes pinceladas, em uma primeira parte, a conquistas por perspectiva de gênero em políticas de migrações, em especial por contribuições feministas. Mas chamo atenção para os silenciamentos em relação à jovem mulher e ao jovem homem, e a maior ênfase, quando se os enfoca, a uma lógica de proteção contra vulnerabilizações e escassas referências a vetores que norteiam muitas juventudes hoje, e que chamo de ‘perspectiva geracional juvenil’, como: busca por autonomia; adrenalina; fama, em especial entre os pares; lugar da sexualidade em processos de afirmação e identificações; busca de reconhecimento e individualização; maior vulnerabilidade ao mercado, por parco poder de compra e de crítica; e fragilidades em relação a desencantos e frustrações de expectativas quanto a oportunidades, o que comprometeria projetos coletivos.

Com tal chamada não se pretende privilegiar a perspectiva culturalista. A gravidade político-econômica que afeta tantos, o aumento das desigualdades sociais e entre países, a xenofobia em países de tradicional recepção de imigrantes e o descumprimento de acordos internacionais em relação a direitos humanos de migrantes embasam a ênfase dos textos para políticas migratórias com as condições de trabalho e proteção. Contudo, sem mais conhecer materialidades vividas e imaginários de jovens hoje, simplifica-se o debate sobre juventudes e migrações, colocando-o no campo de políticas internacionais.

São mais recentes que as chamadas para a femininização das migrações internacionais, os debates sobre juvenilização das migrações em textos que visam propostas de políticas, o que se discute em capítulo específico, sublinhando que predomina a menção a um jovem genérico, não a juventudes, e que também por aí não é comum perflhar em juventudes, a relação gênero e geração (jovem) ou ir além de necessidades imediatas, econômicas, um trabalho e mobilidade educacional. Mas se reconhece que no debate sobre juventude e migrações em políticas vem se endereçando raça/etnicidade e classe, estigmas ligados à codificação do jovem migrante, principalmente se de pele escura, como o estranho, ou um possível ‘terrorista’.

Para melhor ilustrar as reduções sobre juventudes em propostas de políticas de migração, aterrizo em outro capítulo, em debates no campo de estudos sobre juventudes, tendo como referência empírica estudos no Brasil.

Algo sobre feminização das migrações e avanços de perspectiva de gênero em políticas de migrações internacionais

De fato, perspectiva de gênero em propostas de políticas de migrações é um grande ganho da década de 1990, com marcas de contribuições feministas, reconhecendo-se tanto vulnerabilidades, desafios, como positividade para as mulheres com o processo migratório e importância delas para o desenvolvimento e humanização das experiências de mobilidade territorial. Sai-se do vitimismo, sublinhando direitos por sistema de gênero mais paritário e protagonismo da mulher por constituição de redes, ênfase em cuidados com os que ficam e os que vão, principalmente de seu círculo familiar, e vínculos transterritoriais, inclusive por remessas.

Enfatizam-se e se conseguem, inclusive por ações de movimentos sociais organizados, políticas de reconhecimento de direitos trabalhistas como a proteção de trabalhadoras migrantes no trabalho doméstico. Por exemplo, há ações em nível latino-americano de trabalhadoras domésticas organizadas e conquistas recentes legitimadas pela Organização Internacional do Trabalho, como a agenciada por CONLACTRAHO², como a Convenção 189 e

2 CONLACTRAHO - **Confederación Latinoamericana de Trabajadoras del Hogar**. Disponível em: <<http://conlactraho.org/quienes.html>>. Acesso em: 10 maio. 2015. Aí se lê: “La CONLACTRAHO está constituida por sindicatos, asociaciones y grupos de trabajadoras del hogar de América Latina y del Caribe. Se originó en 1983 por iniciativa de la antropóloga norteamericana Elsa Chaney, en el marco de la Asociación de Estudios Latinoamericanos (LASA), conjuntamente con las dirigentes de organizaciones sindicales de Chile, Perú, México y más tarde Colombia, con quienes

a Recomendação 201 da OIT, de 2011, que preveem que trabalhadores domésticos, homens e mulheres, devem ter os mesmos direitos básicos no trabalho que outros trabalhadores. Note-se que a CONLACTRAHO traz específicas chamadas sobre a jovem trabalhadora doméstica, como o direito a estudo e normas de proteção contra violências e explorações no trabalho.

A contribuição feminista trouxe questionamentos para políticas sobre o tráfico de pessoas, como a ênfase policial em segurança, marginalizando-se direitos humanos das mulheres como das trabalhadoras do sexo, e a importância de programas que minimizassem divisões sexuais de poder, entre outros. (Cf. PALMARY et al., 2010; STEPHANIE; NAWY, 2013; IOM, 2005; JOLLY, REEVES E BRIDGE, 2005)

A seguir são mencionados alguns temas ressaltados em análises sobre mulheres nas migrações que colaboraram por legitimar perspectiva de gênero em políticas de migrações, considerando a esfera da ONU, na década de 2000:

- Chamada para o aumento das mulheres no fluxo migratório, sua singularidade em relação aos homens e como a migração pode vir a ser um fator de empoderamento das mulheres se minimizadas vulnerabilizações sociais. Tal empoderamento estaria relacionado à maior probabilidade de mobilidade educacional com a migração; e independência econômica:

se planifico la organización del Primer Encuentro de trabajadoras del hogar, que finalmente se realizó del 23 al 30 de marzo de 1988, en Bogotá Colombia, con la participación de once países (México, Venezuela, República Dominicana, Colombia, Brasil, Paraguay, Uruguay, Bolivia, Perú, Argentina y Chile)". Ver también GOLDSMITH, M. "La experiencia de Conlactraho como organización internacional de trabajadores y trabajadoras domésticas" Revista de derechos humanos – defensor. Disponível em: <<http://corteidh.or.cr/tablas/r27858.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2015. Chama-se atenção para o fato de que a CONLACTRAHO nasce em um Congresso de LASA, 1983, tendo contado desde sua fundação com a colaboração de pesquisadoras feministas, como Elsa Chaney, Mary Castro e Mary Goldsmith, entre outras.

Há uma crescente legitimidade da importância de gênero nas migrações internacionais. Não somente pelo aumento da participação das mulheres nesse fluxo e pelas pesquisas sobre o tema, que chamam a atenção para diferenças entre as experiências dos homens e as das mulheres (Taran e Geronimi 2003:10). O que emerge é um complexo quadro de efeitos da migração de mulheres em que gerações subsequentes são afetadas positivamente quanto a uma híbrida socialização e o registro de situações em que as mulheres seriam ‘empoderadas’. Elas contribuem para redes de cuidados, nexos entre várias comunidades, mudanças culturais, inclusive com efeitos legais que influenciam os contextos envolvidos (PIPER, 2005, em trabalho especialmente recomendado pela Global Commission of *International Migration* para compor proposta de governabilidade internacional, no âmbito das Nações Unidas sobre Migrações Internacionais³.

- Chamada sobre vulnerabilizações sociais das mulheres no mercado de trabalho, pedindo enfoque de direitos humanos e reconhecimento de direitos sexuais e reprodutivos.
- Preocupação com o tráfico de pessoas. Note-se que em propostas de Estado a ótica é de segurança nacional, em outras de direitos humanos de forma genérica, e em algumas em nome da repressão ao tráfico se desconsideram direitos das trabalhadoras do sexo. Poucas políticas sobre tráfico de pessoas focalizariam a mulher como sujeito de vontades, e intenções de autonomia, como as de sair de relações opressivas de gênero, ou seja, razões que não necessariamente seriam classificadas como econômicas. A ênfase das propostas feministas tem sido

3 Piper (2005), em seu trabalho, considera também o relatório “Gender Equality: Striving for Justice in an Unequal World” preparado pelo UN Research Institute for Social Development (UNRISD). Piper também se apoia em trabalhos da Division for the Advancement of Women (2004); e o World Survey on the role of women in development by the UN devoted to the issue of ‘women and international migration’ (2004).

em segurança humana e reconhecimento das fronteiras entre tráfico e ‘prostituição’ por ‘escolha’.

Os estudos sobre questões de tráfico podem ser divididos em duas categorias amplas, distinguindo os que enfatizam uma perspectiva de violência sexual (e, portanto, com foco na exploração sexual comercial) e aqueles que tomam a migração como ponto de partida (este último pode ser subdividido em análises com perspectiva de gênero/sexo ou não). Ambas as perspectivas dessa tipologia estariam de acordo sobre a exploração e práticas abusivas, muitas vezes fazendo referência a violações dos direitos humanos, mas a perspectiva sobre violência normalmente resulta em um discurso de vitimização, alarmista, enquanto o último, sobre vontades ou necessidades de migrar, tende a enfatizar medidas práticas que podem ser usadas para combater a exploração – uma das quais é a promoção dos direitos das e dos trabalhadores do sexo. O desacordo sobre a definição do problema tem implicações para avaliar a extensão do tráfico em termos numéricos. Como resultado, as recomendações e sugestões de soluções para combater o tráfico também tendem a diferir (PIPER, 2005, p. 209).

- Chamada para a importância de se considerar direitos sexuais e reprodutivos, assim como violências e desrespeito ao direito à diversidade de orientações como estímulo e justa causa para migrações internacionais e pedidos de refúgio e asilo, ponto que merece mais investimento, e de singular interesse para o debate sobre juventudes e migrações. Em estudos especificamente preparados para subsidiar proposta de um Programa das Nações Unidas sobre migrações internacionais, chama-se atenção sobre para a importância de considerar a migração de pessoas transgêneros, lésbicas e gays como um direito a ser protegido pelo sistema ONU. (Cf. SANGINI, 2005; KULICK, 1998; JOLLY; REEVES; BRIDGE, 2005).

Mas a mulher jovem na migração ainda é focalizada em propostas de políticas mais por ótica de proteção, direitos humanos e poucas vezes considera-se a tônica por autonomia, a importância de ser tanto sujeito de direitos como sujeito de desejos das e dos jovens, e questionamentos, principalmente delas, de relações de gênero patriarcais. Há poucas referências à sexualidade, aos antagonismos entre direitos sexuais e reprodutivos e normas familiares, assim como são escassos os questionamentos sobre a heteronormatividade, quando se discute migração, políticas e o caso das jovens mulheres. Reconhece-se que ainda é grande a distância entre propostas para políticas migratórias com perspectivas de gênero e sua realização por Estados membros da ONU, faltando vontade política para tanto. Contudo há uma insistência por diversos autores, no campo feminista, junto às Nações Unidas (PIPER; IREDALE, 2003; Coud and De Gucheneire, 2004 em Piper, 2005; e GCIM, 2005).

Juventude em discursos por políticas de migração

O Dia Internacional da Juventude, 17 de agosto, em 2013, foi dedicado, pelas Nações Unidas, à “Migração Jovem e Desenvolvimento”. A tônica dos discursos, como os da Organização Internacional de Migrações (OIM) e do Secretário Geral das Nações Unidas foi a da potencialidade do jovem como agente de desenvolvimento, enfatizando o lugar de um trabalho decente e da educação, assim como do amparo à migração ‘regular’ e à ‘inclusão’, ou seja, sugerindo que direitos humanos se justificariam por razões de Estado e apostando na ‘participação’ dos jovens migrantes, como sua modelação aos padrões dominantes da sociedade de chegada. Não se questionam relações sociais e direitos socioculturais dos jovens migrantes, nem se criticam tais razões de Estado. Segundo o presidente da Organização Internacional de Migrações, OIM (2013, p. 1):

No mundo de hoje, cada vez mais globalizado e interligado, é onde assistimos à migração de um maior número de pessoas do que alguma outra vez na história. Os jovens migrantes, com idades entre os 15 e os 24 anos são poderosos agentes de mudança e de desenvolvimento.

Em 2010, o número total de jovens migrantes [15 a 24 anos] era estimado em cerca de 27 milhões, representando cerca de 12,5 por cento dos 214 milhões de migrantes internacionais em todo o mundo. [Se se considera o intervalo de 18 a 29 anos, tem-se que estes contabilizariam 36 a 57% dos migrantes internacionais em 2013]

Os jovens migrantes, sozinhos ou acompanhados por membros da família, deixam as suas casas por diversas razões, alguns em busca de emprego, outros para fugir a perseguições, como sublinha o Secretário-Geral Ban Ki-moon em mensagem oficial.

No Dia Internacional da Juventude 2013, que tem como tema “Migração Jovem: Fazer Avançar o Desenvolvimento”, a Organização Internacional para as Migrações sublinha a importância de envolver e capacitar os jovens para que realizem o seu potencial de desenvolvimento. A migração continua a ser a maior estratégia de redução da pobreza, colocando desafios e apresentando oportunidades para os jovens.

A OIM promove a migração regular e alternativas positivas entre os jovens, sensibilizando para os perigos da migração irregular e propondo alternativas positivas como a educação e a formação para o emprego.

Enquanto aumenta o número de jovens que migram, quer através dos canais regulares quer por vias irregulares, a migração segura e regular deve ser promovida, de forma a reduzir os riscos de exploração e abuso. Partilhar informações sobre as opções migratórias é essencial, por aumentar a conscientização e permitir aos jovens tomarem decisões baseadas em boas informações (Diretor-Geral da Organização Internacional das Migrações-OIM-, William Lacy Swing).

A OIM colaborou com dez agências parceiras na Europa para criar uma plataforma de formação on-line no âmbito do iYouth Project. O iYouth pretende capacitar as organizações juvenis para o trabalho em prol da integração dos migrantes e da prevenção da sua exclusão. A plataforma é uma ferramenta disponível para as organizações e os indivíduos que queiram apoiar a migração jovem no seu processo de integração.

É essencial que os jovens estejam conscientes dos riscos e oportunidades da migração, que as suas vozes sejam ouvidas em todas as esferas da sociedade, e que sejam capacitados para influenciar sua própria vida e definir o seu futuro. No mundo atual, crescentemente globalizado e interconectado, os jovens representam a geração mais interligada de todas (OIM apud UNRIC, 2013)⁴.

Já em documentos do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas (DESA) se considera que a migração de jovens tende a aumentar pelo acesso a informações, como as TIC – tecnologias de informação e comunicação, reiterando a relação entre migração de jovens e fatores sobre determinantes, como busca por trabalho e fuga de violências de Estado, ou reunificação familiar e razões educacionais (DESA-UN, 2011).

No Relatório sobre Juventude e Migrações Internacionais para 2013, as Nações Unidas (DESA-UN, 2011) destacam que entre os jovens migrantes, cerca da metade seriam mulheres, e 60% seriam provenientes de países em desenvolvimento, mas note-se que há, no Relatório, escassas referências às singularidades dessas pessoas ainda que vozes de jovens sejam privilegiadas e se mencionem casos de violências sexuais, como o não reconhecimento da orientação transgênero. A tônica é por melhor informação sobre ‘riscos da migração’ (DESA- UN, 2014).

4 Pronunciamento da OIM em UNRIC-ONU. Disponível em: <<http://www.unric.org/pt/actualidade/31213-dia-internacional-da-juventude-migracao-jovem-e-desenvolvimento>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

A Mensagem do Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, para o Dia Internacional da Juventude em 2013 segue a mesma perspectiva, qual seja de interessar os Estados sobre a funcionalidade da migração de jovens para projetos de Estado, o desenvolvimento. O migrante jovem precisaria ser tutelado, sendo considerado como passivo, vítima, como no caso das mulheres jovens, lembradas tão somente como objetos de violências sexuais. Perspectiva válida, mas que omite a dialética entre vulnerabilizações e exercício da subjetividade:

As razões para as quais os jovens migram são muitas. Alguns estão fugindo da perseguição, outros estão fugindo das dificuldades econômicas. Alguns estão sozinhos, outros são parte de uma família — com os pais, irmãos e até mesmo os seus próprios filhos. Alguns possuem comunidades para onde podem ir, outros devem fazer novos vínculos. Em trânsito e em seus destinos finais, muitos migrantes jovens enfrentam dificuldades iguais ou maiores, incluindo o racismo, a xenofobia, a discriminação e as violações de direitos humanos. Mulheres jovens, em particular, enfrentam o risco de exploração e abuso sexual.

Pobreza, condições de vida insalubres, moradias superlotadas e os desafios de encontrar um emprego decente são características comuns da experiência migrante. Estes desafios são exacerbados pela crise econômica e financeira global. Os migrantes também são frequentemente acusados pelas comunidades e políticos de tomar postos de trabalho de pessoas locais, expondo-os ainda mais ao risco de discriminação. Em outros casos, os jovens deixados para trás por pais migrantes enfrentam desafios psicológicos e sociais e uma maior vulnerabilidade.

É importante destacar a contribuição positiva dos jovens migrantes às sociedades de origem, trânsito e destino — em termos econômicos e ao enriquecer o tecido social e cultural. A maioria trabalha duro para ganhar a vida e melhorar as suas circunstâncias.

As remessas que enviam para apoiar as famílias em seus países de origem são uma das principais contribuições para as economias em todo o mundo. Quando voltam para casa, os jovens migrantes muitas vezes promovem o desenvolvimento através da aplicação de conhecimentos e ideias adquiridas no exterior. E, em muitos casos, as mulheres são empoderadas através da migração ao conquistar a independência financeira e social.

Em outubro, a Assembleia Geral das Nações Unidas vai sediar o segundo Diálogo de Alto Nível sobre Migração Internacional e Desenvolvimento. Exorto os Estados-Membros a considerar a migração de jovens. Trabalhar com e para os jovens é uma das minhas prioridades. Neste Dia Internacional da Juventude, encorajo os Estados-Membros, organizações lideradas por jovens e outras partes interessadas a agir para promover os direitos de todos os jovens migrantes e maximizar o potencial de desenvolvimento da migração de jovens. (BAN-KI-MOON, 2013, p. 1)⁵.

Estudo do Centro para Estudos Estratégicos Internacionais, consultoria para Políticas Migratórias (GOLDIN, 2014), destaca mudanças de fluxos de jovens, relacionados a turbulências do mercado internacional, crises conjunturais do capitalismo, recessão em países cêntricos, mas apostando na mesma tônica instrumental: potencialidade dos jovens para o desenvolvimento. Ainda que a situação se caracterize por diminuição de oportunidades de trabalho, considera-se que haveria para os estados positividade na migração dos jovens, inclusive para contrapor déficits de população ativa, pelas quedas de fecundidade em muitos países ‘cêntricos’.

5 Pronunciamento do Secretário Geral das Nações Unidas sobre migração de jovens em 2013. Disponível em: <<http://unicrio.org.br/e-importante-destacar-a-contribuicao-positiva-dos-jovens-migrantes-diz-ban-ki-moon/>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

Mais uma vez as razões para migrar se centralizam na busca de oportunidades para trabalho e educação por parte dos jovens, determinações básicas, mas não únicas, nem necessariamente hegemônicas considerando-se a diversidade de jovens em movimento. Contudo tal estudo, no campo da literatura de subsídio para políticas migratórias com um olhar sobre os jovens, tem o mérito de refletir a importância de mais se aterizar sobre a situação dos jovens em países em desenvolvimento, e o crescente desencanto, entre esses, sobre possibilidades de segurança social, o que mais se acessa no próximo capítulo, mas se adverte que a tônica é de inclusão dos jovens em modelos de desenvolvimentos, reconhecimento de que falta mais acessar vocabulário de motivos dos jovens, simbolismos que envolvem o migrar para eles:

[Em relação aos jovens] se necessita de melhores políticas. Mas para tanto se faz necessário contar com dados específicos e mais sensibilidade para entender a multiplicidade de questões que se relacionam com as migrações de jovens migrantes de áreas urbanas e rurais. Há que melhor acessar as barreiras para educação, mercado, engajamento em contratos temporários, acesso a tecnologias de comunicação, participação cívica e cultural. [...]

Necessita-se de dados mais desagregados, pesquisas rigorosas para melhor entender as ambições e os estímulos dos jovens para migrar e as carências de oportunidades para responder suas expectativas (GOLDIN, 2014, p. 1).

Saio do tema migrações de jovens, por análises centradas em discursos sobre esses como sujeitos ou assujeitados em políticas, no próximo capítulo, focalizando, em nível de ensaio, juventude e geração, ou juventudes nestes tempos, decolando de estudos sobre juventudes, no Brasil, país que passou de foco de emigração na década dos anos 1980 para o de imigração principalmente a partir de 2005, mas ainda com importantes fluxos de saídas de jovens e que com a recente recessão, com a maior probabilidade, tenha

novamente destacado os fluxos de saída. Em 2009, estimava-se que 3 milhões de brasileiros viveriam no exterior, sendo que 40% nos EE.UU. Segundo estudo de Margolis (2013) sobre os novos fluxos emigratórios de brasileiros, gradativamente mais se destacam os jovens e entre esses mulheres e trabalhadores de classe média baixa. Muitos que vão para os EEUU se arriscaram entrando como indocumentados, em tempos de relativa recuperação econômica e ampliação de oportunidades de emprego no Brasil, se se têm os anos 2004-2010 como referências:

Os primeiros brasileiros a deixar o país eram homens de classe média, predominantemente de Minas Gerais, especificamente da cidade de Governador Valadares. Eles viram a mudança como uma oportunidade, não uma necessidade. Gradualmente, este perfil mudou para incluir trabalhadores de colarinho azul, incluindo as mulheres, que enfrentaram mais caras e mais perigosas rotas para destinos que refletiam sua classe, finanças, educação, comunidade de origem e mesmo ascendência — uma base para uma reivindicação legítima de cidadania no Japão e Itália, que não necessariamente neutralizou a discriminação (MARGOLIS apud ARGUETTA, 2015, p. 1).

Discutir sobre ambiências e imaginários de juventudes no Brasil, a meu juízo, colabora para identificar curtos-circuitos em textos sobre políticas de migrações e juventudes, como não considerar que ainda que seja válido reivindicar oportunidades econômicas, há singularidades em juventudes, hoje, como circulação entre violências, desencantos quanto a projetos coletivos, e no caso de mulheres jovens, certo vetor crítico sobre amarras de gênero, de tipo patriarcal. Temas pouco considerados no debate sobre migrações de jovens nos discursos políticos.

Também violências de Estado, em especial contra jovens afro-brasileiros, principalmente através de aparato estatal, a polícia; deterioração da qualidade de serviços; ampliação do sentido de

medo e insegurança com violências de várias ordens, a precarização das condições de trabalho e a ampliação do fenômeno do precariado entre jovens, ou seja, a constituição de uma classe média-média ou média-baixa composta por jovens adultos de média e alta escolaridade, mas com inserção produtiva precária ou não gratificante; e desencanto com a chamada democracia representativa são processos que coexistem com crescimento econômico (período de 2010-2014) e que colaboram para entender protestos e frustrações de juventudes no Brasil e buscas por outros pousos.

Com todas as restrições hoje à imigração nos países de tradicional entrada, a saída ainda é um ponto de fuga de algo que se quer negar. Motiva a inserção do capítulo sobre juventudes hoje, em um caso e momento específico, Brasil 2015. São questões de tantos jovens, em tantas pesquisas: “O que fazer? ”; “Se mandar? ”; “Para onde? ”.

Juventudes e geração. Um ensaio sobre um outro, uma outra, o/a jovem não referido em políticas de migração. Decolando do Brasil⁶

Tal intenção pede revisitar a célebre assertiva de Bourdieu (1983) de que a juventude não existe. Segundo Bourdieu (1983, p. 67), “as divisões entre as idades são arbitrárias [...] e a fronteira entre a juventude e ser adulto é um objeto de disputa em todas as sociedades”. De fato, o significado da categoria juventude é relacional a outras dimensões da vida social. No entanto, não se pode esquecer que as categorias não são neutras, e que têm relação com as diversas maneiras que as sociedades percebem e valorizam certos atores sociais.

Defendo a perspectiva de que a juventude é uma possibilidade. Tese que tem respaldo em reflexões de Karl Mannheim (WELLER, 2005), que adverte que não há como discutir sobre uma geração,

6 Partes deste capítulo são construídas a partir de Castro (2014).

como juventude, ou determinado ciclo etário, sem discutir geração, como um tempo com ethos, doxa própria e o que chama “espírito de um tempo”, não incorrendo, portanto, em separações entre o objetivo e o subjetivo.

Weller (2005) assim destaca sobre gerações em Mannheim:

Ao invés de associar as gerações a um conceito de tempo externalizado e mecanicista, pautado por um princípio de linearidade, o pensamento histórico romântico alemão se esforça por buscar no problema geracional uma contraproposta diante da linearidade do fluxo temporal da história. Segundo Mannheim:

Desta maneira o problema geracional se transforma em um problema da existência de um tempo interior não mensurável e que só se pode compreender como algo puramente qualitativo, só pode ser apreendido subjetivamente e não objetivamente” (MANNHEIM apud WELLER, 2005, p. 7).

A necessária conjugação entre geração como biografia e geração como tempo histórico é assim refletida por Matheus (2000, p. 174) em pesquisa com jovens no Brasil:

A adolescência, como sintoma social-tanto enquanto singularidade psíquica quanto como segmento social-inquieta e incomoda. Busca expressar aquilo que não se espera, do modo que lhe é possível: apresentando-se tradicionalista ou cética, ao mesmo tempo rompe com o papel de mudança que dela se espera e expõe a desigualdade e a falta de perspectivas próprias da sociedade atual.

Apelo, mais uma vez, para Mannheim (WELLER, 2005, p. 55):

A juventude não é progressiva nem reacionária por natureza. É uma potencialidade disposta sempre a toda renovação.... O fator especial que faz do adolescente um dos elementos mais importantes em

toda renovação da sociedade está no fato de que esse adolescente não aceite a ordem social estabelecida como algo dado por suposto e que no tenha interesses adquiridos, nem em sua ordem espiritual nem na econômica.

Nas últimas décadas no Brasil muito se ampliaram os direitos legalmente reconhecidos e a extensão dos incluídos. Mas são por um lado também tempos de insegurança, de desconforto com as ambiências da vida cotidiana, com os serviços públicos, com o estado do que é apregoado como sociedade de bem-estar. Por outro lado, são tempos em que os próprios avanços sociais contribuem para o aumento de expectativas e vigilância em relação à coisa pública, além do fato de que em especial para muitos jovens, os níveis de desemprego são mais altos. Para muitos, a defasagem entre níveis educacionais e trabalho exercido seria realidade frustrante (precariado). Se no Brasil, entre os jovens de 18 a 24 anos, aqueles que cursavam o nível superior passaram de 15% em 2002 para 29,2% em 2011, já o desemprego, em maio de 2012, para esses jovens, estava em 12,4%, o triplo da taxa registrada entre trabalhadores mais velhos. Já em 2015, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), em entrevista à BBC, a taxa de desemprego entre jovens deveria superar a média mundial:

As previsões da OIT, o desemprego de jovens no Brasil com idade entre 15 e 24 anos deve atingir 15,5% em 2015. A taxa média mundial nessa mesma faixa etária é estimada em 13,1% neste ano, segundo o estudo *Tendências Mundiais do Emprego de Jovens 2015*.

A Organização ressaltou à BBC Brasil que suas estimativas em relação ao Brasil foram feitas antes das recentes projeções realizadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), que piorou suas expectativas para a economia brasileira. No mais recente relatório *Perspectivas da Economia Global do FMI*, lançado na terça-feira, o fundo disse prever que o PIB do Brasil terá retração de 3% em 2015, o dobro da estimativa anterior.

“Com as perspectivas mais sombrias de crescimento econômico no Brasil, podemos supor que a taxa de desemprego de jovens seja superior aos 15,5% estimados neste ano”, disse à BBC Brasil Sara Elder, consultora técnica chefe do projeto Trabalho para a Juventude, da OIT.⁷

Tal cenário se enquadra no que chama de “paradoxo perverso da democratização brasileira” o antropólogo James Holston (2013, p. 349):

A democracia brasileira avançou de forma significativa nas últimas duas décadas. Na verdade, tem sido pioneira em inovações que a situam na vanguarda do desenvolvimento democrático do mundo. No entanto, exatamente quando a democracia se enraizou, novos tipos de violência, injustiça, corrupção e impunidade aumentaram dramaticamente [eu corrigiria para se tornarem mais visíveis e assumidas como violências].

As desigualdades sociais se multiplicam, como aquelas que combinam raça/etnicidade e classe. Em 2011, no Brasil, 18% das pessoas entre 18 a 24 anos frequentavam ou tinham concluído o ensino superior. Entre os brancos, tal contingente atingia 26% e entre os negros, 11%. Os jovens que tiveram acesso à educação superior chegavam a constituir 47% entre os 20% com maior renda familiar, e somente 20% entre os 20% de menor renda familiar⁸.

Nas representações mais comuns sobre juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de um grupo “unitário”, o que camufla diversidades e desigualdades sociais. O desafio é explorar tanto as similaridades como as diferenças que existem entre os jovens, ou seja, a

7 Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151008_desemprego_oit_df_ab>. Acesso em: 15 fev. 2016.

8 Fonte: IBGE, CNI, INEP, IPEA-Naercio Menezes Filho/INSPER, OCDE, SAEB. Todos pela Educação. **Revista Época**, n. 5. 8 de julho de 2013.

multiplicidade na unidade. Homens, mulheres, ricos, pobres, negros, brancos, moradores em grandes metrópoles ou em zonas rurais são condicionados a viver uma mesma fase da vida de acordo com materialidades e simbologias culturais diversas, contudo há necessidades, vontades e pulsões que diferenciam a fase jovem de outras, o que pede que a definição de juventude se refira a processos e contextos-tempos históricos, tempos políticos, subjetividades e projetos.

Em se tratando de jovens, além do acesso, há que mais investigar como vem se lidando com as chamadas Sociedades de Informação e Sociedades de Conhecimento, as TICs-tecnologias de informação e conhecimento, mas principalmente as oportunidades para socialmente afirmar criatividade e o reconhecimento de culturas juvenis.

Pertencer, transgredir, contestar, questionar são comunalidades do ser jovem, que apelam para o desafio da combinação entre a autonomia pretendida – e a proteção – que se precisa, se quer e desdenha. Juventude tende a não ser somente tempo presente, mas também tempo futuro, que em tempos de insegurança, para muitos, é horizonte sem sentido, frustrado por cidadanias negadas. É quando a migração pode configurar-se como uma boia, uma esperança individualizada por outro horizonte, considerando violências e desencantos com projetos coletivos e falta de segurança social:

O processo de afirmação individual ou grupal se choca com a pluralidade de redes de oportunidades disponíveis e necessárias para cada ciclo de vida, como educação de qualidade (ver BRASLAVSKY, 2004), trabalho decente (ver OIT, 2009) e acesso a produção e consumo cultural. Tais bens são importantes tanto para a socialização, formação crítica, quanto para o exercício de usufruir direitos. O que questiona modelos de desenvolvimento embasados na lógica do mercado e não da segurança social já que tal grupo, juventude, mais que outros não têm condições de competição, de acordo com aquela lógica. Os jovens buscam autonomia, mas precisam de redes de proteção social (CASTRO; ABRAMOVAY, 2013, p. 25).

A diversidade e as desigualdades sociais entre jovens assim como entre aqueles em vários países chamam atenção para singularidades de mulheres jovens. Muitas se destacam em um movimento feminista que vai além dos direitos institucionalizados por políticas, mas que apelam para cidadanias culturais ou contraculturais, tendo o corpo como linguagem de protesto contra violências e amarras normativas codificadoras da sexualidade. A busca por estranhamentos, sexualidades não normatizadas podem ser também estímulo para saída, buscas, como a emigração entre jovens.

Por uma perspectiva geracional juvenil se assume que há jovens com diferentes e até contraditórias bandeiras e muitos vibram, mobilizam adrenalina, questionam o estabelecido, agitam vontade e transgressões. Ou seja, há que debater juventudes e fenômenos congêneres como sua mobilização territorial, relacionando determinismos da macropolítica, com insurgências, diversidade de formas à reação a desencantos. A tese implícita é de que a migração de muitos jovens pode ainda ter um sentido de insistência em um projeto, mesmo que individual, um tipo de insurgência.

Paradoxalmente os que mais reclamam por autonomia, os jovens, subliminarmente, principalmente, requerem mais proteção contra os princípios da economia de mercado, contra modelos de desenvolvimento econômico que secundarizam a qualidade de vida dos serviços e da vida cotidiana, contra repressivos dogmas sobre vivências de sexualidades, contra o imperialismo de linguagens hegemônicas que não reconhecem performáticas variadas de comunicação e da crítica contra uma sociedade de insegurança e de ênfase no direito por propriedade de bens e posição social, na fama e no espetáculo, colaborando para que muitos jovens também desconheçam direitos de cidadania dos outros, das outras e tenham a violência como cultura.

Chama atenção que nos documentos sobre juventude e migração, a questão da violência, da insegurança, do medo como estímulo à migração só seja referida em termos de conflitos armados. Já em análises sobre juventudes no Brasil, a cultura da violência vem

assumindo estado alarmante e banalizado, e a vitimização de jovens, principalmente negros que representam 6 em cada 10 jovens mortos pela polícia, é destacada, além de influenciar um estado de medo e insegurança que propicia a vontade de ‘se mandar’, mesmo quando o perigo seja apenas uma possibilidade.

Segundo o “Mapa da Violência. Crianças e Adolescentes no Brasil, 2012” (WASELFISZ, 2012, p. 154):

Continua a crescer a vitimização juvenil por homicídios [considerando o período 1998-2008]. Se em 1998 a taxa de homicídios de jovens era 232% maior que a taxa de homicídios da população não jovem (menos de 15 e mais de 24 anos de idade), em 2008 as taxas juvenis já são 258% maiores. Se essa é a média nacional, há ainda as Unidades Federadas com índices de vitimização acima de 300%. Ou diversos estados com jovens representando mais da metade das vítimas de homicídio.

Já em estudo mais recente, o autor chama atenção para o perfil por raça/cor dos homicídios de jovens: As taxas de morte por homicídio de jovens negros aumentam de 74,1, em 2011, para 80,7 em 2012: crescimento de 8,9%. “As brancas também crescem, ‘mas com ritmo menor: 4,7%” (WASELFISZ, 2014, p. 124).

Nas falas de jovens, em pesquisas no Brasil, há ilustrações tanto de recusas a violências como o fascínio pelo seu exercício, confundido com o *aparecer, o ser reconhecido e respeitado*. A violência, entre populações sem poder, pode se associar ao prazer, ao consumo, à criação de identidade, o ter visibilidade na sociedade, uma forma de fama, de participação na sociedade de espetáculo (BAUDRILLARD, 1990).

No horizonte de expectativas dos jovens, as migrações internacionais nestes tempos, em muitos países, viriam perdendo poder de atração, por muros, racismo, xenofobia e restrições à inclusão política e econômica. E se não há saídas coletivas nem projetos de trajetórias individuais para mudanças, as violências podem se configurar como

caminhos alternativos. Insisto, são tempos de desencantos, quer com projetos coletivos, quer com possibilidades de trajetórias de mobilidade individual. Há um elo perdido, desencontros entre o que querem e como são os jovens e o que, segundo eles, seriam ocupações de seus espaços por outras linguagens que não as suas.

Com tal reflexão não se pretende, ingenuamente, legitimar violências, considerando que entre os jovens se há muitas vítimas, há também agressores. O que friso é que há que mais compreender práticas e expectativas de juventudes, por seu próprio verbo, sentido de ética e afirmação por estéticas, ou seja, o nexos que fazem entre cultura e política, resgatando, portanto, micropolíticas, recusas e vontades e cenários macro político-econômicos.

O entrelace entre juventude e gênero tem sentido mais amplo do que o necessário, mais insuficiente, enfoque de direitos humanos e de inclusão que informa os discursos sobre migrações e políticas no plano das Nações Unidas. Jovens mulheres buscam ser sujeitos de desejo, de suas vidas, inclusive por busca de outras relações, inclusive com seus corpos, outros espaços, não familiares.

No entrelace entre gênero e geração, os e as jovens invocam libido, adrenalina, vontade de correr riscos, configuram relações interpessoais, representação do outro/da outra e de si que se fundamentam em cenários culturais, aprendizagens sujeitas a traduções, reproduções e desconstruções por símbolos em conflito, quando o velho e o novo se antagonizam. Os sentidos mesmos da diversidade de viver o sexual combinam símbolos que misturam socializações de instituições variadas. Estudos sobre gênero e juventudes sugerem que há que mais recorrer ao debate sobre direitos sexuais nos debates sobre migrações, em especial de mulheres jovens e identidades LGBT.

A combinação de categorias identitárias, quando não somente gênero, mas posição de classe social, territorialidade e em muitos casos raça/etnicidade e orientação sexual implicariam perfilhações juvenis diferenciadas em relação a oportunidades, desejos, expectativas e inclusive ao direito de exercício das sexualidades e do ir

e vir, o que alerta quer contra generalizações sobre formas de ser e pensar a/da juventude quer contra avaliações sobre a abrangência de modernizações ou mudanças.

O potencial de crítica de muitos jovens viria se ampliando em tempos de sociedade de informações, inclusive sobre vários campos, como, por exemplo, a sexualidade, o direito de criar direitos e contra desigualdades sociais de várias ordens. Mas tal potencial crítico pode se realizar ou ser abortado de distintas formas.

Em tempos de desencantos quanto a projetos sociais, ressignificam-se biografias. Quando outros projetos que dependem de oportunidades sociais, como carreira, trabalho gratificante, pertença a coletivos são marginalizados, o corpo, o seu remodelamento, o seu prazer e aparência, pode vir a ser uma forma de afirmação, buscando-se espaços, trânsitos, transterritorialidades para outras buscas, marca geracional.

Em síntese, valem bem intencionadas propostas de políticas de migração, focalizando jovens, a minimização de riscos; proteção contra xenofobias; estereótipos que têm o jovem como o outro, ameaçador; ênfase em oportunidades de emprego e mobilidade educacional. Mas há que sublinhar violências várias que afetam os jovens hoje, em particular por aparatos do Estado, desencantos e faltas de projetos políticos sociais ou mesmo de alternativas pessoais.

Destituir os processos migratórios de um sentido que ainda os sustenta no imaginário civilizatório, qual seja, o de que outro destino é possível e que o indivíduo tem o poder de tentar tal possibilidade, ampliaria o sentido de impotência.

A anulação do indivíduo, como sujeito de direitos e de desejos frente a razões de Estado no debate sobre positividade ou negatividade das migrações, ou da seleção dos eleitos para serem os nacionais, contribui para violências alimentadas, insisto, por desencantos.

Referências

- ARGUETTA, A. **Sobre MARGOLIS, M. Goodbye, Brazil: Émigrés from the Land of Soccer and Samba**. Disponível em: <<http://www.iaf.gov/index.aspx?page=2189>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
- BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BAUDRILLARD, J. **Transparência do mal – Ensaios sobre os Fenômenos extremos**. Campinas: Papirus Editora, 1990.
- CASTRO, M.G. Juventudes e Cidades. In: CASTRO, M.G. **Eman-cipação, Juventudes e Cidadania**: Estes Tempos. Brasil, n. 11, maio, 2014 (Série Cadernos FLACSO). Disponível em: <www.flacso.org.br>.
- CASTRO, M. G; ABRAMOVAY, M. Juventudes, Participação e Cida-dania. In: BRITTO, A; BORGES, A. (Org.). **Dicionário de Desenvol-vimento Social**. Annblume Ed. São Paulo, 2013.
- CONLACTRAHO - **Confederación Latinoamericana de Trabajado-ras del Hogar**. Disponível em: <<http://conlactraho.org/quienes.html>-consultado>. Acesso em: 10 maio. 2015
- DESA, UN, 2014 - **2013 World Youth Report: Youth and Migration**. Disponível em: <http://www.unworldyouthreport.org/index.php?option=com_content&view=article&id=84&Itemid=180>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- DESA, UN. **World Youth Repot Youth and Migration** 2011. Dispo-nível em: <http://www.unworldyouthreport.org/index.php?option=com_content&view= article&id=84&Itemid=180>. Acesso em: 1º dez. 2015.
- GLOBAL COMMISSION ON INTERNATIONAL MIGRATION - **Migration in an interconnected world**. Disponível em: <<http://www.queensu.ca/samp/migrationresources/reports/gcim-complete-re-port-2005.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

GOLDIN, N. **Taking another look at Youth and Migration**

CSIS-Center for Strategic International Studies, Working Paper, Washington, 2014. Disponível em: <<https://www.csis.org/analysis/taking-another-look-youth-and-migration>>.

GOLDSMITH, M. La experiencia de Conlactraho como organización internacional de trabajadores y trabajadoras domésticas. **Revista de derechos humanos**. Disponível em: <<http://corteidh.or.cr/tablas/r27858.pdf>> Acesso em: 21 fev. 2015.

HOLSTON, J. **Cidadania Insurgente. Disjunções da Democracia e da Modernidade no Brasil**. Cia das Letras. São Paulo, 2013.

INTERNATIONAL ORGANIZATION OF MIGRATION (IOM) **Gender and Migration**, 2005. Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/brochures_and_info_sheets/gender_factsheet.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2015.

IREDALE, Robyn e PIPER, Nicola. Identification of the Obstacles to the Signing and Ratification of the UN Convention on the Protection of the Rights of All Migrant Workers. Outubro de 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001395/139529e.pdf>>.

JOLLY, S; REEVES, H; BRIDGE, H. **Gender and Migration. Overview Report**. Institute of Development Studies 2005 ii ISBN 1 85864 866 1. Disponível em: <<http://www.bridge.ids.ac.uk/sites/bridge.ids.ac.uk/files/reports/CEP-Mig-OR.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

KULICK, D. Travesti –Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes, Chicago and London: The University of Chicago Press, 1998.

MANNHEIM, K. El problema de la juventud en la sociedad moderna. In: MANNHEIM, K. **Diagnóstico de Nuestro Tiempo**. Fondo de Cultura Económica. México, 2005.

MARGOLIS, M. **Goodbye, Brazil: Émigrés from the Land of Soccer and Samba**. University of Wisconsin Press. Wisconsin, 2013.

MATHEUS, T. C. **Ideais na Adolescência. Falta (d)e perspectivas na virada do século.** ANNABLUME. São Paulo, 2000.

PALMARY, I; BURMAN, E; CHANTLER, K; KIGUWA, P (Ed.).
Gender and Migration: Feminist Interventions. London: Zed, 2010.

PIPER, N. Gender and migration A paper prepared for the Policy Analysis and Research Programme of the Global Commission on International Migration- Asia Research Institute National University of Singapore. 2005. Disponível em: <https://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy_and_research/gcim/tp/TP10.pdf>-- September 2005>. Acesso em: 20 fev. 2015

SANGINI, Trust. A Guide to your Rights –Legal Handbook for Sexual Minorities in India, Delhi: Sangini. India, 2005.

STEPHANIE J; NAWY, N. **Gender and Migration:** Integrating Feminist Theory into Migration Studies. 2013. Disponível em:<http://www.wikigender.org/index.php/Migration:_a_gender_perspective>. Acesso: em 15 jan. 2016.

UNRIC-ONU. Disponível em: <<http://www.unric.org/pt/actualidade/31213-dia-internacional-da-juventude-migracao-jovem-em-desenvolvimento>>. 2013. Acesso em: 15 maio. 2015.

WASELFISZ, J. **Mapa da Violência. Crianças e Adolescentes no Brasil, 2012.** FLACSO-Brasil. Rio de Janeiro, 2012.

WASELFISZ, J. **Mapa da Violência 2014:** Os Jovens do Brasil. FLACSO-Brasil. Rio de Janeiro, 2014.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim: perspectivas para a análise das relações entre educação e trabalho. **XXIX Encontro Anual da ANPOCS**, Minas Gerais, Caxambu, 2005.